

## ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Estela Inês Leite Tosta<sup>1</sup>  
Simone de Paula Rocha Souza<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente relato aborda aspectos teórico- metodológicos de um projeto de formação, em andamento, para professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE) das escolas estaduais do polo de Rondonópolis, no ano de 2019. O trabalho apresenta um recorte das ações formativas propostas pelo GeAlfa – Grupo de estudos de Alfabetização do Cefapro - Centro de Formação e Atualização de Profissionais da Educação Básica. A proposta formativa contempla docentes de 20 unidades escolares da rede estadual e tem como objetivo promover momentos de discussão coletiva com os professores acerca das especificidades do aluno com Transtorno de Espectro Autista (TEA) no contexto escolar, socialização das experiências e exposição de materiais pedagógicos relevantes ao processo de intervenção pedagógica com esse aluno. O aporte teórico que fundamenta esta formação aponta como princípio que a deficiência não define a *Pessoa*, a qual possui singularidades próprias e inerentes a sua própria constituição do *Humano*, de modo que nos ancoramos em autores como Ferreira-Santos (2004); Ferreira-Santos e Almeida (2012), Orrú (2017) e Mantoan (2003; 2006) e, ainda, em autores que discutem a formação docente como Tardif (2002) e Monteiro (2017). Para a coleta de dados foi encaminhado às escolas um instrumento por meio do qual levantou-se a demanda de alunos com TEA atendidos nas SRM. Espera –se que a formação possibilite aos professores o conhecimento de outras abordagens e alternativas para o AEE, que superem as práticas pedagógicas que divergem de uma perspectiva inclusiva.

**Palavras-chave:** Atendimento Educacional Especializado. Autismo. Formação de professores.

## SPECIALIZED EDUCATIONAL CARE: TEACHER TRAINING AND THE AUTISTA SPECTRUM DISORDER STUDENT (TEA)

**Abstract:** This report addresses theoretical and methodological aspects of a training project in progress for teachers of the Specialized Educational Service (AEE) of the state schools of Rondonópolis, in 2019. The paper presents a clipping of the formative actions proposed by GeAlfa - Cefapro Literacy Study Group - Center for Training and Updating of Basic Education Professionals. The formative proposal contemplates teachers of 20 school units of the state network and aims to promote moments of collective discussion with teachers about the specificities of students with Autistic Spectrum Disorder (ASD) in the school context, socialization of experiences and exposure of pedagogical materials relevant to the intervention

<sup>1</sup> Doutora em Educação. Professora Formadora da Área de Alfabetização no Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica - CEFAPRO/SEDUC/MT). E-mail: etosta42@gmail.com

<sup>2</sup> Mestra em Educação. Professora Formadora da Área de Alfabetização no Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica - Cefapro/Seduc/MT. E-mail: mone\_rocha7@hotmail.com

process with this student. The theoretical basis that underlies this formation points out as a principle that disability does not define the Person, which has its own singularities and inherent in its own constitution of the Human, so that we are anchored in authors such as Ferreira-Santos (2004); Ferreira-Santos and Almeida (2012), Orrú (2017) and Mantoan (2003; 2006) and also authors who discuss teacher education as Tardif (2002) and Monteiro (2017). For data collection, an instrument was sent to schools through which the demand for students with ASD raised in SRM was raised. Training is expected to enable teachers to learn about other approaches and alternatives for ALE, which outweigh pedagogical practices that diverge from an inclusive perspective.

**Keywords:** Specialized Educational Attendance. Autism. Teacher training.

## 1. Introdução

O GeAlfa- Grupo de Estudos de Alfabetização parte do princípio que para ocorrer uma transformação qualitativa nos processos de ensinar e de aprender, todo projeto formativo que envolva docentes deve partir do pressuposto de que os atores envolvidos no processo educativo, no decorrer de suas trajetórias, constroem saberes, produzem conhecimento e vão constituindo sua identidade e se desenvolvendo profissionalmente.

Este entendimento se ancora nos estudos de Tardif (2002), que estabelece um conjunto de saberes constituidores da formação profissional e que implicam diretamente na atividade docente, a saber: os saberes da formação profissional; os saberes disciplinares; os saberes curriculares e os saberes experienciais.

Este autor pondera que estes saberes se originam da vida em sociedade, do contexto escolar, da relação com outros atores envolvidos nos processos educacionais, da formação nas universidades, dentre outros espaços de modo que, como vão sendo adquiridos no contexto da trajetória da vida pessoal e ao longo da constituição da carreira profissional dos docentes, passam a servir de alicerce para o trabalho que estes desenvolvem em seus ambientes de trabalho.

Para os fins da escrita desse texto nos ateremos aos saberes experienciais descritos por Tardif (2002), ou seja, os saberes revestidos no exercício da prática docente. Conforme evidencia o autor “esses saberes brotam da experiência e são por ela validados. Eles incorporam-se à experiência individual e coletiva sob a forma de *habitus* e de habilidades de saber-fazer e de saber-ser” (TARDIF, 2002, p. 39. Grifo do autor).

São, justamente, estes saberes da experiência profissional compartilhados e mediados no processo formativo, que ensejaram a produção deste relato de experiência, num viés que este autor traz como ponto nevrálgico da formação docente que é, a relação que os professores



estabelecem com os saberes construídos na prática. Neste caso específico, a prática pedagógica no Atendimento Educacional Especializado de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo.

É nesse contexto que se configura a presente proposta formativa que, além de corroborar para a disseminação das políticas públicas da educação do Estado de Mato Grosso, promove espaços coletivos de discussão, reflexão e pesquisa na e sobre a prática pedagógica, de professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE).

A formação foi pensada com o objetivo precípua de contribuir para o fortalecimento da prática pedagógica dos professores, tal como define a política de formação dos profissionais da Educação Básica em Mato Grosso, na qual os Centros de Formação e Atualização de Profissionais da Educação Básica (Cefapros), têm um papel preponderante que é promover e realizar o acompanhamento da formação continuada dos profissionais que atuam nas escolas.

Cada Cefapro em seu polo de abrangência tem como incumbência subsidiar os profissionais da educação com pressupostos teórico-metodológicos no que concerne à prática educativa, subsidiando os professores no tocante às demandas formativas, com vistas à melhoria da qualidade do ensino (TOSTA e SOUZA, 2018).

Assim, é importante pensar a formação continuada como uma possibilidade de aprimoramento e potencialização das práticas pedagógicas como forma de aperfeiçoamento profissional nos âmbitos teórico e metodológico.

Assim é que, o presente relato de experiência aborda uma ação formativa, proposta no âmbito das ações do GeAlfa, envolvendo professores que atuam no Atendimento Educacional Especializado (AEE) das unidades escolares da Rede Estadual de Ensino de Rondonópolis-MT.

Diante da ampliação das Salas de Recursos Multifuncionais (SRM), da grande rotatividade de docentes no Atendimento Educacional Especializado (AEE), e ainda, da expressiva demanda de alunos com Transtorno de Espectro Autista (TEA), identificou-se a necessidade de formação para os docentes do AEE.

Esta formação continuada tem como objetivo promover discussões coletivas com os professores acerca das singularidades do aluno com Transtorno de Espectro Autista (TEA) no contexto escolar, pois compreendemos que a profissão docente “é predominantemente caracterizada pela interação humana, se constitui na relação com o outro, aprende-se com o outro e constrói-se com o outro” (MONTEIRO, 2017, p. 15). Desse modo, as aprendizagens propiciadas por estes momentos formativos estabelecem um diálogo potente na direção do que nos aponta a referida autora.



Para muito além da socialização das experiências, da exposição de materiais pedagógicos relevantes ao processo de intervenção pedagógica com o aluno TEA, o processo formativo pensado para esta ação, permitirá o borbulhar de indagações que se fazem no processo da docência no espaço do AEE. As trocas favorecidas neste contexto nascem das práticas pedagógicas e se (re)elaboram no bojo das discussões teóricas que ancoram a formação continuada planejada para os docentes que atuam neste espaço.

## 2. Tecendo os fios da formação: caminhos e possibilidades

O planejamento das atividades teve início no mês de março de 2019, quando uma das formadoras do GeAlfa assume a responsabilidade de organizar uma formação voltada para os professores que atuam com o público alvo da Educação Especial.

Primeiramente a formadora entrou em contato com a Assessoria Pedagógica que representa a Secretaria de Estado e Educação (Seduc/MT) para realizar um levantamento das escolas estaduais do município e verificar quantas e quais delas possuíam Salas de Recursos Multifuncionais (SRM).

Por meio desse levantamento se constatou que 20 unidades escolares ofertavam o atendimento em SRM para alunos com deficiências. Diante dessa demanda e com o intuito de que a formação se desenvolvesse e abarcasse os docentes de todos os espaços destinados ao AEE da Rede Estadual de Ensino, foi necessário que outra formadora aderisse ao projeto, colaborando e participando das ações formativas.

**Quadro de escolas que ofertam o AEE na rede estadual**

<b>Escolas</b>	<b>Nº de SRM</b>	<b>Escolas</b>	<b>Nº de SRM</b>
EE <sup>3</sup> Alfredo Marien	02	EE Francisca Barros de Carvalho	01
EE Odorico Leocádio da Rosa	02	EE Sebastiana Rodrigues de Souza	01
EE Joaquim Nunes Rocha	01	EE José Moraes	01
EE Antônio Guimarães Balbino	01	EE Maria de Lima Cadidé	01
EE André Antonio Maggi	01	EE Pindorama	01
EE Daniel Martins Moura	02	EE Prof. Carlos Pereira Barbosa	01
EE Domingos A. dos Santos	01	EE Prof. Edith Pereira Barbosa	01

<sup>3</sup> Utilizamos a sigla EE para designar: Escola Estadual.





EE Lucas Pacheco de Camargo	02	EE Prof. Renilda Souza Moraes	02
EE Major Otávio Pitaluga	01	EE Elizabete Freitas Magalhães	02
EE Silvestre Gomes Jardim	01	EE São José Operário	02

**Fonte:** Quadro criado pelas autoras.

No quadro acima apresentamos somente as escolas estaduais de Rondonópolis que possuem Salas de Recursos Multifuncionais. Cumpre lembrar que este número não representa a totalidade de escolas da referida rede, pois ainda há 16 unidades que não ofertam o atendimento.

Posteriormente, para a coleta de dados que justificou a oferta da formação, foi encaminhado às escolas um instrumento por meio do qual, levantou-se a demanda de alunos com TEA atendidos nas Salas de Recursos Multifuncionais. Por meio deste foi realizado o mapeamento das demandas de atendimento do AEE e verificou-se uma demanda considerável de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) matriculados nas escolas estaduais de Rondonópolis e, ainda outros, em processo de estudo de caso.

Aliado a este fato, neste ano, novos professores foram contratados e se fez necessária uma formação que possibilitasse conhecer as especificidades da pessoa com TEA, bem como outras perspectivas de atuação com estes alunos no sentido de contribuir em seu processo de interação social e autonomia nos espaços escolares.

De acordo com Ferreira- Santos (2004) toda *Pessoa*<sup>4</sup> está em um processo inacabável de construção. Para o autor, a marca da aprendizagem sempre está no trajeto de um polo ao outro, entre a *razão* e a *sensibilidade*. Nesta direção, o trabalho do professor do AEE deve ser alicerçado numa perspectiva mais sensível, onde se priorize a *Pessoa* e não a deficiência e/ ou o Transtorno do Espectro do Autismo de modo que, a formação caminha na tentativa de possibilitar ao docente condições de ampliar o olhar acerca das possibilidades de aprender do aluno com TEA e romper com o discurso que cerceia as possibilidades de *ser e aprender*.

Em abril de 2019 estabeleceu-se contato com as escolas para que realizassem a inscrição dos professores. Na oportunidade informou-se sobre o cronograma da formação e que a mesma abordaria aspectos pertinentes às intervenções pedagógicas com alunos autistas.

A formação intitulada: *Práticas Pedagógicas no Atendimento Educacional Especializado*, planejada para acontecer quinzenalmente, iniciou-se no mês de maio de 2019,

<sup>4</sup> Utilizamos nesta formação o conceito de *Pessoa* utilizado por Ferreira-Santos (2004) que define a Pessoa como uma construção contínua, um afrontamento, num sentido vivenciável.



com previsão de finalização em outubro do mesmo ano, com uma carga horária de quarenta horas.

São previstos 13 encontros que abordam aspectos legais, discussões inerentes às especificidades do aluno TEA no contexto escolar, utilização de Tecnologia Assistiva, socialização das experiências e exposição de materiais pedagógicos relevantes ao processo de intervenção pedagógica com o aluno com TEA.

O aporte teórico que fundamenta a formação aponta como princípio basilar que a deficiência não define a *Pessoa* pois esta possui singularidades próprias e inerentes a sua própria constituição do *Humano*, de modo que nos ancoramos em autores como Ferreira-Santos (2004), Ferreira-Santos e Almeida (2012), Orrú (2017) e Mantoan (2006) e, ainda, em autores que discutem e problematizam a formação docente como Tardif (2002) e Monteiro (2017). Espera-se que ao final da formação os docentes do AEE se apropriem de novos conhecimentos e outras abordagens na busca de alternativas que superem as dificuldades impostas por práticas pedagógicas que divergem de uma perspectiva de educação inclusiva.

### **3. Entremeando razão e sensibilidade: novas possibilidades de aprendizagem**

Na tentativa de educar o olhar dos professores para as especificidades do aluno com TEA partimos de algumas situações problematizadoras que envolvem o cotidiano das ações que se desenvolvem no AEE. Para tanto questionamos e ouvimos os professores no que se refere às situações de aprendizagem vivenciadas em suas salas de aula, no sentido de pensar o aluno com autismo como uma *Pessoa* com possibilidades de aprender.

Para fundamentar as discussões nos ancoramos em Orrú (2017), uma vez que a autora aponta a necessidade de se compreender o aprendiz com autismo como uma pessoa singular. A esse respeito, a autora enfatiza que:

É fato que todos nós somos diferentes. Mas também é verdade que as pessoas com autismo, além de serem diferentes como todos nós somos, possuem singularidades que precisam ser respeitadas, conhecidas, estudadas e acompanhadas com sensibilidade pelo professor para que elas não sejam motivo de exclusão, mas sim de descoberta de “portas”, caminhos, canais de comunicação que podem favorecer e promover situações de aprendizagem e expressão para esse aprendiz (ORRÚ, 2017, p. 167).



Entendemos a urgência de instaurar um diálogo com os professores que rompa com estereótipos, marcas e estigmas que circundam o Transtorno do Espectro Autista, uma vez que estamos há mais de duas décadas discutindo a educação em uma perspectiva inclusiva, constatamos e, infelizmente, não avançamos significativamente no sentido de que a ação pedagógica seja direcionada para uma prática inovadora e não excludente.

Nessa perspectiva, de uma educação que concebe o ser humano como *Pessoa* constituída na sua diversidade, urge pensar o AEE e as práticas pedagógicas que ali se desenham como possibilitadoras e não como limitadoras de aprendizagem.

Os estudos sobre autismo começaram na década de 1940, quando o psiquiatra Leo Kanner cunhou o termo *autismo*. A partir de então, as pessoas que apresentavam as características por ele descritas eram denominadas autistas. Esta foi a forma mais utilizada pelos profissionais da saúde para designar as crianças que não atendiam ao padrão de “normalidade” estabelecido e esperado pela sociedade.

Em 2013, quando foi publicado o *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, mais conhecido como DSM-V*, passou-se a nomear: Transtorno do Espectro do Autismo, que inclui transtorno autístico (autismo), transtorno de Asperger, transtorno desintegrativo da infância, e transtorno global ou invasivo do desenvolvimento sem outra especificação.

Pensar na *Pessoa* e em suas possibilidades de criar e aprender ultrapassa características e sintomas apontados em manuais ou compêndios. Significa que há a necessidade de a escola/docentes ampliarem o olhar para uma *educação de sensibilidade* que olhe, não para a diferença, mas sim para as especificidades com que cada criança se constitui.

Pensar em uma formação continuada para os docentes do AEE em uma perspectiva de uma *educação de sensibilidade*, ancoradas em Ferreira-Santos, é conceber que “a humanidade em nós não é um dado *a priori*. É uma construção, um afrontamento” (FERREIRA-SANTOS, 2004, p. 49. Grifo do autor).

Elaborar uma ação formativa neste viés teórico significa o rompimento com anos de exclusão, marcados por processos segregativos e conceitos cristalizados nos espaços educativos. Romper com esses padrões indica uma nova postura e anuncia o ampliar do *olhar* no sentido de conceber a *Pessoa* com deficiência como uma *construção*. Nesse aspecto coadunamos com Ferreira-Santos e Almeida (2012) e assumimos essa perspectiva formativa que define *educação de sensibilidade* como:



[...] uma modalidade possível de se compreender e agir no âmbito dos processos educativos, sejam eles em termos de autoformação seja no modelo escolar, a partir de uma razão sensível, do exercício da imaginação, da experimentação poética e valorização do imaginário para lidar com a alteridade sem mecanismos etnocêntricos (FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2012, p. 69).

Nesta linha de pensamento é premente romper com processos excludentes que ainda acontecem nas escolas. Na maioria dos casos, a criança com TEA, ao adentrar à escola, perde sua identidade e passa a ser demarcada pela deficiência ou pela limitação. Neste sentido, Ferreira-Santos e Almeida apontam caminhos possíveis nos processos educativos, entremeados de uma razão sensível.

Em vista dos rótulos e estigmas que parametrizam seus modos de ser e de agir, a pessoa com TEA é vista como “estranha”, em vista de seu comportamento fugir do padrão de normalidade imposto socialmente tendo, como consequência, sua singularidade desconsiderada.

É o que nos evoca a narrativa autobiográfica de Temple Grandin (1999) ao falar das especificidades que a constituíam.

Felizmente, não percebia o quanto era diferente das outras crianças. Falava de um modo diferente; as sutilezas da linguagem me escapavam; às vezes eu me refugiava em meu mundo interior; outras vezes, meu comportamento era tão impulsivo e estranho que assustava até mesmo a mim própria (GRANDIN, 1999, p. 34).

Das discussões iniciais com os docentes foi possível constatar que a escola mudou muito pouco seu olhar para a criança com TEA. Fica visível que há falta de conhecimento e de informações, no âmbito da escola, sobre suas potencialidades e expectativas e ainda imperam no âmbito escolar discursos que pressupõem que o aluno com TEA não alcance as habilidades previstas ou determinadas por um currículo que não considera sua aprendizagem por eixos de interesse, tampouco suas especificidades, ficando a cargo da criança e da família realizarem a tentativa de “encaixar-se” no mundo normal, no qual ela tem que pedir licença para fazer parte.

De acordo com Orrú (2017) o *Eixo de interesse* é o ponto de partida que o educador deve utilizar para iniciar uma relação dialógica com o aprendiz. Para tanto, o professor deve





conhecer o aluno, seu foco de interesse, suas curiosidades e aquilo que lhe desperta o prazer de aprender.

No mesmo entendimento Mantoan (2003) ressalta que, numa concepção inclusiva, o ensino não deve ser diferenciado para uns e para outros. Conforme a autora:

A inclusão não prevê a utilização de práticas de ensino escolar específicas para esta ou aquela deficiência e/ou dificuldade de aprender. Os alunos aprendem nos seus limites e se o ensino for, de fato, de boa qualidade, o professor levará em conta esses limites e explorará convenientemente as possibilidades de cada um (MANTOAN, 2003, p. 67).

Nessa linha de entendimento, coadunamos com as ponderações de Orrú (2017), ao refletir sobre as relações que se estabelecem nos espaços sociais, dentre eles a escola. Concebe-se assim, pensar em escolas e demais espaços sociais onde as relações genuínas são favorecidas “onde a segregação, a marginalização e a institucionalização do déficit e da doença não se fazem presentes nas práticas cotidianas” (ORRÚ, 2017, p. 37).

Diante disso, a formação proposta, ao mesmo tempo em que representa uma oportunidade de vivenciar experiências, promove a discussão de novas alternativas de superação de práticas já cristalizadas no atendimento ao aluno com TEA, possibilitando ao profissional do AEE, um olhar atento e sensível às especificidades que constituem o *Outro*.

#### 4. Considerações Finais

A presente proposta formativa tem como objetivo promover momentos de discussão coletiva com os professores no sentido de (re) significar a prática pedagógica, subsidiando-os acerca das múltiplas dimensões que envolvem o Atendimento Educacional Especializado, direcionado ao aluno com TEA.

Esta formação continuada tem como objetivo promover discussões coletivas com os professores acerca das singularidades do aluno com Transtorno de Espectro Autista (TEA) no contexto escolar.

O mapeamento inicial permitiu levantar a demanda de formação no polo de Rondonópolis, sendo que tal aspecto nos possibilitou promover um espaço de discussão coletiva com os profissionais das escolas no sentido de (re) significar sua ação pedagógica no atendimento ao aluno com TEA.



E, conforme já evidenciamos, além de vivenciar experiências, a formação, que se encontra em fase inicial, foi proposta para possibilitar aos docentes o conhecimento de outras abordagens metodológicas na busca de alternativas que superem as dificuldades impostas por práticas pedagógicas que divergem de uma perspectiva de educação inclusiva.

Com vistas a uma prática pedagógica na perspectiva inclusiva e com a finalidade de contribuir para a melhoria da qualidade do processo de ensino que envolve o aluno com TEA, a presente proposta, além de estar direcionada às necessidades formativas dos profissionais do AEE intenciona problematizar e intensificar, na escola, os debates acerca da necessidade que temos como educadores, de ampliar nosso olhar para uma *educação de sensibilidade*. Isto significa que o foco central não é a deficiência/diferença e sim as especificidades e singularidades da criança, aspectos que nos mobilizam a uma resistência contrária às práticas excludentes.

Espera-se que ao final da formação o professor do Atendimento Educacional Especializado tenha condições de refletir sobre as concepções de ensino e suas implicações na prática pedagógica.

## 5. Referências

FERREIRA-SANTOS, M. **Crepusculário**. São Paulo: Zouk, 2004.

SANTOS, Marcos Ferreira dos; ALMEIDA, Rogério. **Aproximações ao imaginário**: bússola de investigação poética. São Paulo: Képos, 2012.

GRANDIN, Temple; SCARIANO, Margaret M.. **Uma menina estranha**: autobiografia de uma autista. Temple Grandin, Margaret M. Scariano. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MANTOAN, Maria Tereza Eglés. **Inclusão escolar**: o que é? por quê? como fazer. São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção cotidiano escolar).

\_\_\_\_\_. **Inclusão escolar** – caminhos e descaminhos, desafios, perspectivas. Ensaios pedagógicos. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

MONTEIRO, Filomena Maria Arruda. De ensinantes a aprendizes: investigação narrativa nos anos iniciais. In: MONTEIRO, Filomena Maria Arruda; FONTOURA, Helena Amaral da. (Org.) **Pesquisa, formação e docência**: processos de aprendizagem e desenvolvimento profissional docente em diálogo. Cuiabá: Editora Sustentável, 2017.

ORRÚ, Silvia Ester. **Aprendizes com autismo**: aprendizagem por eixos de interesse em espaços não excludentes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.



TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TOSTA, Estela Inês Leite; SOUZA, Simone de Paula Rocha. Formação de professores e inclusão: um olhar para o aluno com transtorno do espectro autista (TEA). *In: SemiEdu*, Cuiabá, **Anais...** p. 4529-4534. Disponível em: <http://eventosacademicos.ufmt.br/public/conferences/8/schedConfs/36/accommodation-15.pdf#page=4529>. Acesso em: 02 de mai. 2019.